

Secção 6

Passados e futuros presentes no Brasil: relações entre tempo e violência na literatura e no cinema

Leitung | Coordenação: Jaime Ginzburg, Joachim Michael

SALA | RAUM: Haus 3 – SR124 (SR)

Mittwoch | quarta-feira – 15/09

14:00 – 18:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais
15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen Reunião dos Coordenadores de Secção
16:30 – 17:00	Kaffeepause Intervalo para café
18:00 – 20:00	Eröffnungszeremonie Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)
20:00	Umtrunk mit Häppchen Beberete com canapés

Donnerstag | quinta-feira – 16/09

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais		
10:30 – 11:15	Jaime Ginzburg, Joachim Michael	presencial	Introdução
11:15 – 11:45	Kaffeepause Intervalo para café		
11:45 – 13:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft Sessão Plenária de Literatura		
13:15 – 14:30	Mittagspause Intervalo para almoço		
14:30 – 15:15	Jaime Ginzburg	online	Tempo e violência em <i>Uma história de amor e fúria</i>
15:15 – 16:00	Patrícia Helena Baialuna de Andrade	online	Subjetividades, melancolia e realismo: Literatura de <i>Verão tardio</i> de Luiz Ruffato
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Simone Rossinetti Rufinoni (cancelado)	online	Entre a linhagem e a laia: violência e castigo em <i>Leite derramado</i>
17:15 – 18:00	Juliana Santini	online	A escrita como rememoração: <i>A resistência</i> de Julián Fuks
19:00	Lesung Sessão de Leitura		

Freitag | sexta-feira – 17/09

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais
---------------	--

09:45 – 10:30	Joachim Michael	online	O colapso do futuro na literatura brasileira contemporânea
10:30 – 11:15	Naiara Alberti Moreno	online	Entre escolas e câmaras de gás: educação e barbárie no romance <i>Diário da queda</i>, de Michel Laub
11:15 – 13:15	Mittagspause Intervalo para almoço		
13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft Sessão Plenária de Linguística		
14:15 – 14:30	Pause Intervalo		
14:30 – 15:15	Rosani Umbach	online	O passado que não passa: configurações de violência em Assunção de Salviano
15:15 – 16:00	Harion Custódio	online	História, trauma e narrativa em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Maria Zilda Ferreira Cury	online	Violência e corpo: vivências femininas da ditadura
17:15 – 18:00	Bernardo Kucinski	online	Os desaparecidos de ontem, de hoje e de sempre
18:00 – 18:30	Abendessen intervalo para jantar		
18:30 – 19:15	Carlos Augusto Costa	online	Violência contra indígenas na narrativa <i>Sangue nas pedras</i>, de Eurico Kräutler: relações entre genocídio colonial, negacionismo e continuidade
19:15 – 20:30	Patrick Bange	online	Um ponto violento no centro do corpo: a memória entre Clarice Lispector e Marcel Proust
20:30 – 20:45	Kaffeepause Intervalo para café		
20:45 – 21:30	Wilberth Salgueiro	online	Do lamento à liberdade: histórias da escravidão a partir do poema “Vozes-mulheres” de Conceição Evaristo
21:30 – 22:15	Paulo Benites (cancelado)	online	“Uma ponte de ossos” entre o passado e o presente: corpos e fantasmas na poesia e no cinema brasileiro contemporâneo
19:00	Freier Abend - Abendessen der Sektionen Noite livre - Jantar das Secções		

Samstag | sábado – 18/09

10:30 – 11:15	Fernando Resende (cancelado)	online	Da violência colonial à violência lenta: corte no tempo, guerra por espaço e formação de barricadas
11:15 – 11:45	Kaffeepause Intervalo para café		
11:45 – 12:30	Hans Fernández	online	Racismos, violência e temporalidades divergentes no cinema brasileiro contemporâneo: Menino 23 (2016) e Bacurau (2019)
12:30 – 13:15	Karl Erik Schøllhammer	online	Em que tempo vivemos? – Testemunhos heterocrônicos da ficção brasileira atual
13:15 – 14:30	Mittagspause Intervalo para almoço		

14:30 – 17:00	Mitgliederversammlung des DLV Assembleia Geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas
19:00	Konferenzdinner Jantar de Encerramento

Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 6

Patrícia Helena Baialuna de ANDRADE (Brigham Young University)

Subjetividade, Melancolia e Realismo: Leitura de *O Verão Tardio*, de Luiz Ruffato

Este trabalho propõe a análise das relações temporais e da hostilidade do universo circundante vivenciada pelo narrador-protagonista de *O verão tardio* (2019), de Luiz Ruffato. Propomos que o realismo nesta obra se dá não pela riqueza de detalhes com que o narrador descreve o mundo à sua volta, ou pela objetividade do relato vinculado a críticas e anotações sociais, mas antes pela subjetividade de um olhar particular – e, portanto, limitado – sobre o mesmo mundo. O protagonista do romance se embate entre as ruínas de um passado com o qual não logra se reconectar, um presente de automatismo esvaziado de significado, e a impossibilidade do futuro, por haver sido diagnosticado com uma doença terminal. As três instâncias temporais são comentadas neste trabalho, bem como a frieza e agressividade com que a personagem é recebida em seu retorno à cidade natal. O tom confessional da narrativa em primeira pessoa é o primeiro elemento para estabelecer-se empatia entre o leitor e o protagonista - homem melancólico, cujas sensações físicas estão à flor do texto e cujos gestos mecânicos e repetitivos questionam o valor da adequação às expectativas sociais. Contamos com o respaldo teórico das discussões de Schøllhammer (2009, 2012, 2020) acerca do realismo afetivo como tendência na literatura brasileira recente (à qual alinhamos nossa leitura do romance); de observações críticas de Pellegrini (2009, 2020) sobre a obra de Ruffato, e o *mundo hostil* que cerca a personagem do romance contemporâneo; e das contribuições de Ginzburg (2012, 2017) a respeito do narrador e da violência e melancolia como elementos constitutivos das relações através da história da literatura e da sociedade brasileiras, ao caracterizar a personagem como homem melancólico em decorrência da sucessão de perdas que marcam sua existência. O realismo da obra, construído pelas percepções subjetivas do narrador, é marcado pelo isolamento e mecanicidade de gestos com que o homem contemporâneo é representado.

Patrick BANGE (UFRJ)

Um ponto violento no centro do corpo: a memória entre Clarice Lispector e Marcel Proust

A forma como a memória é figurada no romance *O lustre*, 1946, de Clarice Lispector, merece especial atenção. Ainda mais pelo motivo de que, ao escrever uma carta e mencionar *O lustre*, Lispector diz estar lendo *À sombra das raparigas em flor*, 1919, de Marcel Proust. Apesar do tom despretensioso da carta, o choque entre o romance brasileiro e o francês deixa ver uma diferença entre duas formas literárias da memória.

No romance clariceano, o tecido da rememoração, encerrado no interior da personagem, não ganha forma externa, sendo apenas auscultado pelo narrador, à distância da terceira pessoa: após um evento traumático, lemos em *O lustre*: “Só ela própria o guardaria como um ponto violento, uma estrela quente e branca no centro do corpo”. A propósito de Proust, Walter Benjamin descreveu a memória involuntária como um tecido que está mais próximo do esquecimento do que do lembrar intencional. A obra, assim, vem à luz através do trabalho noturno de buscar traduzir os “ornamentos do olvido”.

Desde o nosso presente, vê-se, no Brasil, a indiferença por e a destruição de políticas públicas da memória ganharem espaço. Nesse contexto, cumpre (re)pensar essa personagem de Lispector, Virgínia, que não pôde tomar a palavra para narrar o próprio passado, sofrendo os efeitos dessa não-elaboração no corpo. Dando a ver esses efeitos, é possível ler um deslocamento da arte de contar o passado, não sustentada por uma lei infinita da rememoração, como em Proust, mas por uma inscrição da memória no corpo.

~~Paulo BENITES (Universidade Federal de Rondônia) (cancelado)~~

~~**“Uma ponte de ossos” entre o passado e o presente: corpos e fantasmas na poesia e no cinema brasileiro contemporâneo**~~

~~Esta comunicação parte do pressuposto crítico de que o escravismo deve ser entendido como um trauma constitutivo da formação social brasileira. Para tanto, apresentamos reflexões sobre como a poesia e o cinema brasileiro contemporâneo expressam a barbárie e a violência contra os corpos negros~~

dizimados ao longo da história. As obras escolhidas como corpus deste estudo são M8: quando a morte socorre a vida, filme de 2019, e os poemas de Edmilson de Almeida Pereira e Ricardo Aleixo. Entre a narrativa cinematográfica e os poemas selecionados há como elementos afins o desaparecimento dos corpos negros e a presença dos rastros do passado que retornam como imagens fantasmagóricas. Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman são teóricos importantes para fundamentar o modo como entendemos a constituição das imagens como categoria epistemológica e suas relações com o tempo; Jaime Ginzburg e Karl Erik Schollhammer são fundamentais no que tange à crítica literária brasileira contemporânea em contextos de violência e os estudos de Mary Del Priori e Judith Butler embasam as análises sobre a (re)configuração dos corpos. A pesquisa mostra que articular a relação entre corpos e fantasmas tem sido importante para os estudos em literatura e cinema a partir dos modos como essas linguagens apresentam a permanência de determinadas imagens que perturbam a noção de tempo, como é o caso da ressurgência dos fantasmas da escravidão no Brasil contemporâneo.

Carlos Augusto COSTA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

Violência contra indígenas na narrativa *Sangue nas pedras*, de Eurico Kräutler: relações entre genocídio colonial, negacionismo e continuidade

“Muitos seringueiros têm desprezo pelos índios. Dizem que é permitido matá-los, porque são animais ferozes e não gente. Qualquer menção à catequese dos índios lhes tira o apetite. O missionário, no entanto, não se contenta em atrair apenas os moradores deste punhado de casebres miseráveis. Sonha também em conquistar as ferozes tribos de índios” (p. 17). O trecho pertence à narrativa autobiográfica *Sangue nas pedras* (1979), de autoria do missionário austríaco Eurico Kräutler, que entre 1934 e 1965, participou de diversas missões na região do Xingu, no Sul do Pará, assumindo vários postos, como o de Vigário Geral da Prelazia do Xingu, em 1948, e Bispo da mesma Prelazia, em 1971. Suas memórias remontam a um período em que seringalistas e seringueiros, com o apoio do Estado, massacravam povos indígenas, por meio de invasões e destruição de suas terras em busca do látex, matéria prima da borracha. Assim, os eventos narrados no livro, ocorridos principalmente entre as décadas de 30 e 40 do século XX (Ditadura do Estado Novo, de Getúlio Vargas, 1937-1945), conduzem nossas reflexões para duas direções opostas, pelo menos do ponto de vista cronológico. Por um lado, o passado colonial inevitavelmente emerge por meio de imagens de violência que evocam os traumas do genocídio indígena no Brasil. Por outro lado, o presente momento vivido no país salta aos olhos como fantasmagoria, como continuidade das práticas de violência desses dois processos anteriores, agora transfiguradas principalmente pela ação de grandes latifundiários e garimpeiros, por meio de invasão de terras, queimadas e extração de ouro, tudo feito de maneira ilegal e “moralmente” legitimado pelo poder executivo federal, negando direitos, ignorando a Constituição Federal de 1988 e tentando criar leis que, como em um processo distópico, restringem ainda mais os direitos dos povos indígenas sobre a terra. Portanto, interessa, nesta apresentação, examinar a relação entre a perspectiva do narrador e os processos de resistência indígena não apenas à violência perpetrada pelo Estado, seringalistas e seringueiros, mas também à missão evangelizadora, tal como narrados no livro. Além disso, interessa elaborar avaliações críticas sobre o presente, a partir da matéria narrada. Vale ressaltar que a narrativa não é centrada na exposição de traumas individuais do narrador. Apesar disso, o “ponto de vista” é visivelmente constituído por sentimentos de empatia e responsabilidade com as vítimas e proporciona um enfoque sobre a continuidade, naquele e neste presente, da violência do passado colonial brasileiro. Palavras-chave: Resistência Indígena. Narrador. Violência.

Maria Zilda Ferreira CURY (UFMG/CNPq)

Violência e Corpo: vivências femininas da ditadura

Roberto Vecchi e Alessia Di Eugenio, no texto “A dupla cicatriz: a ditadura brasileira e a vocalização feminina da memória traumática de Ana Maria Machado” (VECCHI e DI EUGENIO, 2020) propõem um recorte temático específico na extensa produção literária contemporânea sobre o período da ditadura civil-militar de 1964. A dupla cicatriz a que os autores se referem no título de seu ensaio diz respeito à ferida ainda aberta da ditadura que marca a sociedade brasileira e àquela outra, a das vozes femininas na sua urgência de inscrever-se e tornar-se audíveis na sua especificidade em relatos sobre período tão sombrio de nossa história. Defendem os autores a importância da dimensão de gênero como agente na constituição e na defesa de uma memória feminina sobre um tempo traumático, uma leitura alternativa da história, uma “outra escrita”, uma poética de restituição, moldada pela resistência e

denúncia. Tendo como ponto de partida esta abordagem de Vecchi e Di Eugenio, esta apresentação tem como objetivo promover uma reflexão sobre produção ficcional contemporânea – romances *O corpo interminável*, de Claudia Lage e *Sob os pés meu corpo inteiro*, de Márcia Tiburi em diálogo com o documentário *Que bom te ver viva* (1989), de Lúcia Murat, filme dramático que recupera e ficcionaliza memórias de mulheres presas e torturadas pelas forças repressivas da ditadura.

Harion CUSTÓDIO (Universidade Federal de Minas Gerais)

História, trauma e narrativa em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior

Torto arado, livro escrito por Itamar Vieira Junior e publicado em 2019, é um romance cuja história se passa nas profundezas do sertão baiano. Nele acompanhamos a história de vida de Bibiana, sua irmã Belonísia e sua família que lutam pela subsistência no espaço rural em meio a condições adversas de exploração e de servidão. Nesse ambiente interiorano da fazenda, as condições de vida e os costumes das personagens apontam para a permanência de uma realidade histórica marcada pelo predomínio da organização social escravista. A situação de semiescravidão vivida pela família, que é obrigada a entregar os frutos do próprio trabalho ao dono da fazenda, lembra em diversos níveis a realidade dos latifúndios durante o Brasil Imperial. Nesse sentido, *Torto Arado* desestabiliza as noções tradicionais de progresso histórico ao criar uma narrativa que se passa nos tempos atuais, mas que estabelece jogos com o nosso passado escravocrata, evidenciando a permanência de seu *modus operandi* e da sua violência intrínseca, na medida em que a violência tanto física quanto subjetiva é um instrumento constitutivo das práticas de dominação, de acordo Achille Mbembe (2018) e Orlando Patterson (1982). Nosso objetivo, com o presente trabalho, será analisar as formas e intensidades de sedimentação da história da escravidão no referido romance. Consideramos a narrativa como um meio privilegiado de investigação desta natureza, na medida em que, de acordo com RICŒUR (2010), ela é um meio por excelência de transmissão da experiência humana, o que nos faz atentar para a sua capacidade de representação da história. A noção da experiência da escravidão como catástrofe, elaborada por Achille Mbembe (2018), Paul Gilroy (2001) e Cristina Sharpe (2016), também será explorada em nossa leitura, na medida em que podemos perceber na escrita dos autores aqui mencionados um movimento de denúncia dos horrores e das práticas de exploração herdadas do passado escravocrata nacional, e de fixação – tanto estética quanto política – pelo choque dos efeitos do escravismo, na medida em que não somente o passado, nas narrativas em questão, é uma realidade que não passa de forma definitiva, como também as neuroses e sofrimentos psicológicos das personagens são elementos que, muitas vezes, apontam para um efeito traumático da escravidão. Usaremos como base teórica central, mas não somente, as considerações sobre a história de Walter Benjamin (1994), a teoria sobre a narrativa de Paul Ricœur (2010) e os estudos sobre raça e diáspora negra e tráfico transatlântico de Cristina Sharpe (2016) e Achille Mbembe (2018).

Hans FERNÁNDEZ (Universidade de Iena)

Racismos, violência e temporalidades divergentes no cinema brasileiro contemporâneo: *Menino 23* (2016) e *Bacurau* (2019)

O documentário *Menino 23. Infâncias perdidas no Brasil* (2016), do realizador Belisario Franca, conta – a partir de depoimentos de dois sobreviventes e de pesquisa histórica – a história de 50 meninos pretos do orfanato carioca Romão Duarte levados em 1933 à fazenda Cruzeiro do Sul (estado de São Paulo), na qual, num contexto de teorias raciais de eugenia e de continuidade do passado colonial escravocrata, são mantidos escravizados até 1942. Por sua vez, o longa-metragem de ficção *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles – agraciado no Festival Cannes de 2019 com o prêmio do júri – imagina um futuro distópico e ominoso numa cidade rural pernambucana na qual os habitantes são assassinados por estrangeiros, em cujo pensamento se encontra naturalizada não só a violência, mas também uma hierarquização dos indivíduos baseada na cor da pele.

A presente comunicação pretende analisar as modalidades de narrar e representar esteticamente o racismo e a violência em filmes que se voltam tanto para o escrutínio do passado quanto do futuro. Além disso, procura compreender de que maneira eles refletem e se posicionam criticamente sobre pesados lastros da sociedade brasileira.

Jaime GINZBURG (USP)

Tempo e violência em *Uma história de amor e fúria*

O filme brasileiro *Uma história de amor e fúria* (2013), dirigido por Luiz Bolognesi, apresenta quatro episódios, cada um deles situado em um período de tempo. No primeiro, um indígena recebe uma missão de confrontar forças malignas; no segundo, um homem negro resiste a um ambiente racista e hostil; o terceiro, constituído no âmbito da ditadura militar, mostra a resistência de um estudante contra o regime autoritário; o último episódio está situado no futuro, e aborda a falta de água potável para a população. Os três primeiros episódios apresentam perspectivas críticas sobre a história do Brasil, e o quarto propõe imagens de um futuro no qual problemas históricos, apontados nos episódios anteriores, não foram superados.

A obra de animação é caracterizada por empregar recursos de diversos gêneros cinematográficos, incluindo o drama, a ficção científica e o horror. A configuração do tempo nesse filme articula componentes míticos e referências históricas, de modo a suscitar reflexões sobre conservadorismo e mudanças sociais no Brasil.

Os espectadores podem atentar para semelhanças e diferenças entre as quatro partes do filme, o que pode motivar reflexões sobre continuidades e descontinuidades entre as referências históricas. A constante recorrência de cenas violentas consiste em um fator de configuração de uma unidade temática da obra. Nesta apresentação, pretendemos analisar relações entre os quatro episódios, e comparar essa obra com *O nó do diabo* (2017), dirigido por Ramon Porto Mota, Ian Abé, Jhésus Tribuzi, Gabriel Martins, obra na qual encontramos cinco episódios, referentes a diferentes períodos de tempo, que apresentam cenas de violência.

Joachim MICHAEL (Universität Bielefeld)

O colapso do futuro na literatura brasileira contemporânea

Quando Ponciá Vicêncio, protagonista do romance homônimo de Conceição Evaristo, volta da cidade, em que passou a morar, ao povoado em que nasceu e em que viveram seus pais e avôs, sua percepção é de que a escravidão nunca terminara já que os afrodescendentes continuavam trabalhando para o dono das terras, cujos antepassados tinham sido senhores de escravos, em condições que não mudaram depois de 1888. O “jugo” senhorial parece-lhe “eterno”. Sua impressão é de existir um “pulso de ferro a segurar o tempo”. O romance, portanto, reflete como a colonialidade do poder retém o processo da progressão do tempo, somente permitindo uma repetição traumática da história. Conclui-se que a literatura, mais claramente que as ciências sociais e humanas, discute como a violência interrompe o processo temporal e como ela, em consequência, pode chegar a apagar a distinção entre as modalidades temporais (passado – presente – futuro), constitutivas da modernidade. Levanta-se, assim, a questão de uma temporalidade indeterminada, em que o passado violento se estende ao presente. Ao mesmo tempo, o futuro não parece diferenciar-se do presente, coincidindo com este.

Um futuro assombroso, que no entanto já está sucedendo, é o tema de *A nova ordem*, romance de Bernardo Kucinski de 2019. O livro projeta uma ditadura militar que pretende erradicar qualquer utopia e matar todos os utopistas para depois reduzir a população pela metade e transformar o país num Estado agrário. No entanto, em questão não está somente a volta do autoritarismo militarista, senão também o nítido perfil distópico que aponta a um futuro que talvez seja próximo ao presente, mas que claramente se distingue dele. Não obstante, segundo o narrador, a trama tem lugar no ano de 2019, ano da publicação da obra. Isto significa que a distopia, visão de um futuro em que as condições de vida pioram drasticamente, já está sucedendo agora: o presente é, já, o futuro.

“Manifesto presentista” (2020) de Juliana Neuenschwander é outro texto que discute a dissolução das modalidades temporais num presente permanente como consequência da permanência de violências passadas. Nele, se apresenta um manifesto com o mesmo título o qual é uma re-escritura fascista do “Manifesto futurista”. No entanto, o novo manifesto nega o futurismo de Marinetti de 1909 (“Esqueçamos o futuro!”) e exige a anulação de qualquer propósito de renovação social (“Repudiamos toda forma de Utopia”) para confirmar a eternidade da opressão. Enfim, como expressão da permanência da violência aclama-se o fascismo: “O presente permanente do fascismo.”

~~Fernando RESENDE (UFF) (cancelado)~~

~~Da violência colonial à violência lenta: corte no tempo, guerra por espaço e formação de barricadas~~

A invasão de um território, gesto que funda a violência colonial, estabelece um corte espaço-temporal nas existências que a precedem. O Brasil tem um longo histórico de políticas de desocupação de terras, o que nos instiga a pensar nos modos através dos quais as marcas do poder colonialista seguem imperativas. Esta reflexão parte desta premissa e deste problema com o objetivo de pensar como o corte que estrutura o empreendimento colonialista produz um tipo de violência que se estende no tempo, dando lugar a práticas políticas que reiteradamente atualizam a violência fundadora. Ao pensar o colonialismo como vetor de produção de uma “violência lenta” (Nixon, 2011), esta reflexão se articula em torno da ideia de que a negação do tempo presente tenha sido uma das formas de atuação da violência colonial. Esta intervenção no tempo do outro, gesto constantemente retomado através da violência de Estado, está incrustada na luta por espaço, gerando disputas territoriais; uma “questão sempre em curso na América Latina” (Haesbaert, 2021). Seja através do Projeto de Lei 490, que expulsa os indígenas de suas terras a partir da criação de um marco temporal, ou de outras várias formas de apropriação da terra do outro, o que vemos acontecer é a distensão, no tempo e no espaço, de formas violentas de viver o contemporâneo. Nesse processo, de modo a tornar a guerra minimamente habitável, é preciso criar territórios de resiliência e fundar outros. Como nos mostram recentes acontecimentos no território latino-americano e alguns filmes produzidos no Brasil de hoje, é preciso “construir barricadas e redistribuir a violência” (Mombaça, 2016).

~~Simone Rossinetti RUFINONI (USP) (cancelado)~~

~~Entre a linhagem e a laia: violência e castigo em Leite derramado~~

Em certa passagem do romance de Chico Buarque, Leite derramado, de 2009, presente nas páginas 102 a 105, o protagonista articula a narrativa da sua genealogia familiar à posse de um chicote. Os significados desentranhados da leitura do fragmento relacionam-se à sobrevivência do castigo corporal no país, cuja presença na literatura contemporânea permite a reflexão sobre a herança colonial. No romance em questão, o ato bárbaro é tratado, pelo narrador, como requinte e traço de fidalguia. Nesse sentido, pretende-se analisar, de um lado, a recorrência e as irradiações do “motivo” chicote, na tradição literária nacional; de outro, interpretar o fragmento como parte que, de acordo com a lógica do círculo hermenêutico, entrevê o todo da obra.

Wilberth SALGUEIRO (UFES)

Do lamento à liberdade: Histórias da Escravidão a partir do poema “Vozes-Mulheres” de Conceição Evaristo

O conhecido poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, foi publicado originalmente em *Cadernos negros*, de 1990, e reaparece no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, de 2008. As seis estrofes do poema testemunham uma história que vem do período da escravidão (bisavó) ao tempo atual (filha), projetando um futuro diferente (vida-liberdade) para o povo negro oprimido, coisificado, animalizado pelos “brancos-donos de tudo”. A “infância perdida” da [1] bisavó se transmuta em “obediência” da [2] avó, já entre a senzala e a casa-grande do sinhô branco; daí, a “revolta” se avoluma na voz da [3] mãe lavadeira e favelada na cidade pós-escravidão (de fato, Conceição nasceu em uma favela, filha de uma lavadeira); [4] a filha da mãe lavadeira elabora os “versos perplexos” em vista, “com rimas de sangue / e / fome”; [5] a filha da escritora emblematiza a continuidade da luta, em patamar de civilidade e dignidade, e para tanto deverá reunir “a fala e o ato”, a teoria e a prática, em movimento de resistência que atravessa décadas e que vence o medo e que vai à luta. A análise do poema dialoga com a reflexão de Theodor Adorno em *Teoria estética* ao dizer que “as obras de arte não recalcam; mediante a expressão, ajudam o difuso e o flutuante a entrar na consciência”, ou seja, um poema, não sendo sociologia ou psicanálise ou história em sentido estrito, colabora intensamente para que o cidadão, o leitor possa entender e transformar a sociedade, a cultura, o mundo ao qual pertence.

Juliana SANTINI (UNESP)

A Escrita como Rememoração: A Resistência, de Julián Fuks

No romance *A resistência* (2015), de Julián Fuks, Sebastián é um narrador que procura reconstruir, por meio da escrita, a constituição de sua família. Filho de imigrantes argentinos exilados no Brasil na ditadura de seu país, Sebastián desconfia que o irmão seja uma das crianças procuradas pelas avós da Praça de Maio, de modo que o desaparecimento dos filhos da ditadura militar torna-se o mote para uma escrita que articula a história individual – a do personagem com os vazios instituídos no interior de sua família – a um domínio coletivo mais amplo – os silenciamentos na história dos regimes autoritários da América Latina. Partindo da reflexão de Jeanne Marie Gagnebin (2009) em “O que significa elaborar o passado?”, propõe-se uma discussão em torno do processo de escrita tematizado no romance, tomando-o como um trabalho de rememoração ativo, em que o passado é retomado não apenas como forma de não esquecimento, mas também como compreensão do presente, com um olhar para as transformações e permanências dos sistemas de dominação. Interessa problematizar como, na narrativa, a composição de um escritor pertencente à geração posterior àquela que foi efetivamente perseguida pelo regime permite a observação de tempos superpostos – a ditadura militar que, no passado, perseguiu seus pais; as lacunas que, no presente da narração, caracterizam a relação com o irmão adotado –, mobilizando estratégias que concretizam o que Fuks (2017) definiria, no ensaio “Pós-ficção”, como uma forma de enfrentar o recalque da história.

Karl Erik SCHØLLHAMMER (PUC-Rio)

Em que tempo vivemos? – Testemunhos heterocrônicos da ficção brasileira atual

Um traço importante da ficção recente é prestar testemunho de esferas locais dentro do próprio âmbito nacional em que as temporalidades do passado e até do futuro convivem na presença histórica. Apresentaremos exemplos que se destacam neste sentido, como o romance *Torto Arado* (2015) e a coletânea de contos *Doramara* ou a *Odisseia* (2021) de Itamar Vieira Junior e o *Verão Tardio* de Luiz Ruffato.

Na década de 1980, o antropólogo Johannes Faber criticou a visão ocidental do “outro” como atrasado em seu desenvolvimento, não plenamente contemporâneo com o primeiro mundo em função de um distanciamento espaciotemporal que ele chamou de “allochronism”. Para Faber a demanda de uma antropologia crítica era exigir contemporaneidade plena para todas as culturas contra a tendência “cronopolítica” que perpetuava a superioridade colonial. Nesta perspectiva o contemporâneo como política do presente abria uma real plataforma de diálogo sem as hierarquias imperiais e no Brasil traduzia-se na experiência de ser reconhecido na mesma mesa como parceiro global. Entretanto, mesmo que o historiador Dipesh Chakrabarty (2008) concorda com as críticas de Fabian do “atraso” das culturas não-ocidentais, ele insiste no potencial do reconhecimento de momentos de “heterotemporalidade” autêntico em relação ao “presente” global e com isso de uma certa coexistência de camadas temporais diferentes. Do ponto de vista da experiência do tempo vivido essa heterogeneidade do tempo em certas culturas locais e autônomas em relação à globalização da temporalidade mesurada abre um campo para o que Foucault chamou de uma “heterochronia”, um tempo que se extrai ou interrompe o tempo histórico globalizante do contemporâneo. Jacques Rancière falou recentemente que esta “heterochrony is a redistribution of times that invents new capacities of framing a present” (Rancière, “In What Time Do We Live?”). Na história da literatura moderna a simultaneidade entre ações narrativas desassociadas apontava para uma duração transhistórica e qualitativa do tempo que fundia o passado e o futuro numa possibilidade de presente e presença profunda. A narrativa contemporânea entretanto exerce sua liberdade anacrônica de modo que acentua as interrupções entre temporalidades fenomenológicas, a dissociação radical das condições de vida de uma globalidade histórica homogeneizante.

Rosani UMBACH (UFSM)

O passado que não passa: configurações de violência em *Assunção de Salviano*

O romance de Antonio Callado (1917-1997) intitulado *Assunção de Salviano*, publicado em 1954, é a obra de estreia do escritor carioca. Conta a história de Manuel Salviano, um marceneiro ateu, que, a convite do Partido Comunista, se faz passar por um líder místico, à semelhança de Antônio Conselheiro.

Converte-se, é preso e acaba morrendo na prisão. Seu corpo, retirado da cela pelo telhado, faz a população acreditar que ocorreu sua assunção. O romance é marcado por cenas de violência e referências à Guerra de Canudos, ocorrida no mesmo sertão baiano entre 1896 e 1897. Este trabalho investiga as configurações de violência presentes no romance com o objetivo de analisar os sentidos produzidos pela obra. Entende-se que o romance constrói imagens da história do Brasil como uma história violenta, relacionada em grande parte a desigualdade social e opressão, estabelecendo uma continuidade de situações de violência, como se o tempo cronológico estivesse suspenso. A obra apresenta imagens de violência que continuam atuais no Brasil, associadas à luta dos camponeses pela terra, à pobreza no sertão nordestino e à vulnerabilidade das pessoas que o habitam, de forma a possibilitar a reflexão do leitor.